

## MEU ENCONTRO COM A PEDAGOGIA SOCIAL

Por: Margareth Martins de Araújo

### EDUCAÇÃO MATERNA

*Ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. (Clarice Lispector)*

Ao receber a proposta para elaborar um texto, cujo foco pudesse ser o histórico e o percurso de cada grupo de pesquisa, fez com que eu debruçasse sobre a minha história, olhasse para o passado vivido na tentativa de compreender onde e quando nasceu a pedagogia social em mim. Logo percebi que algo muito importante ocorreu, marcando de forma indelével todo o meu ser. Aprendi, em tenra idade, sobre a existência de conteúdos impossíveis de serem transmitidos, falo sobre aqueles que apenas podem ser vividos como o amor, a solidariedade, a esperança, a superação, entre outros. À época já sabia sobre minha opção profissional, sobre ela nunca tive dúvidas.

Em 1964 a Cidade do Rio de Janeiro foi assolada por uma grande catástrofe. Foram muitos dias de chuva tendo como consequência uma série de pessoas desabrigadas. Os meios de comunicação noticiavam a todo o momento sobre a necessidade de ajuda... Precisavam de comida, roupas, alimentos, solidariedade e tudo o que pudéssemos fazer para auxiliar. Foi diante dessa situação que minha mãe reuniu, a mim e aos meus irmãos dizendo:

— Houve uma catástrofe aqui na cidade.  
Muitas pessoas perderam tudo. É preciso ajudar.  
O que vamos fazer?

Foi quando aprendi a olhar para os lados, para o outro, para o próximo. Compreendi que sempre é possível fazer algo, nos colocando a serviço do outro. Aprendi que, viver a vida através dessa perspectiva, traz um sentido supremo à existência humana. Colore com matizes especiais a nossa forma de ser e de estar no mundo. Conclama-nos a lutar por dias melhores, a não naturalizar o processo de descaso e de abandono para com as pessoas, a encontrar outro sentido para a vida. Ter o cuidado com o próximo como princípio formador, certamente fez de mim uma educadora capaz de me colocar no lugar do outro e, no dizer de Humberto Maturana (1998, p. 24):

Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. Em outras palavras, digo que só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito. Sem uma história de interações suficientemente recorrentes, envolventes e amplas, em que haja aceitação mútua num espaço aberto.

Embora incomum à época, fazia parte da nossa cultura familiar, sempre nos envolver em reflexões sobre fatos que pudessem nos formar para o exercício da nossa humanidade, desafiando-nos a nos enxergar no outro, a com ele sentir. Por respeito a nós e aos outros, pela construção da convivência fraterna, ética, solidária e civilizada, procurávamos pautar nossas ações nesses princípios, embora tudo ao redor nos desafiasse ao contrário. Fomos orientados pela cultura da paz e cedo aprendemos que a construção da paz dá trabalho, exige principalmente inteligência afetiva, esforço, determinação, clareza de princípios e competência política.

Depois de uma longa conversa, com recorte de jornais e algumas fotos de revistas, percebemos que a situação era muito difícil. Era necessário fazer algo. Foi então que vasculhamos nossas gavetas e armários em busca de roupas, agasalhos e calçados. Foi quando nos demos conta de que doar brinquedos poderia fazer com que as crianças de olhar tristonho que vimos na foto, voltassem a brincar e, quem sabe, a sorrir. Foi quando dissemos:

\_ Podemos doar nossos brinquedos?

Ao que emocionada minha mãe respondeu:

\_ Sim, podem.

Creio que minha mãe não teve como dimensionar a amplitude de suas ações, mas educar pelo exemplo foi uma das grandes lições que nos deixou por herança. O episódio da doação de brinquedos nos acompanha vida a fora e fez de cada um de nós militantes da humanidade, seres ocupados com outros seres e com o planeta. Fazemos parte de uma geração que, pelo amor de nossos pais não abrimos mão da nossa humanidade, da nossa identidade e da nossa capacidade de sonhar com uma sociedade capaz de incluir os historicamente excluídos. Aprendemos no seio da nossa família que há um fazer social dentro da sociedade e que sempre é possível fazer algo a partir de quem somos e de onde estamos. A mãe é a primeira educadora social e a família a prima escola.

---

<sup>1</sup> A Baixada Fluminense é localizada em um dos estados mais ricos da federação, o Estado do Rio de Janeiro. Nesta região, constituída por 13 municípios onde circulam aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, afirma-se uma interessante diversidade cultural e social, num cenário marcado pela desigualdade social e educacional. A Baixada Fluminense é formada pelos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Mesquita, Nilópolis, Itaguaí, Seropédica, Magé, Belford Roxo, Queimados, Guapimirim, Paracambi e Japeri.

## O ENCONTRO COM A PEDAGOGIA SOCIAL

No final da década de setenta, o Brasil precisava ampliar a oferta da Educação Infantil, eram muitos brasileiros fora da sala de aula e, as agências reguladoras internacionais exigiam uma resposta urgente. Embora tivesse sido aprovada entre os primeiros lugares do concurso para trabalhar como professora da Rede Estadual do Rio de Janeiro, foi necessário trazer para o primeiro distritos professoras que trabalhavam há alguns anos em lugares mais distantes e, por esse motivo, fui lotada em uma escola do quarto distrito da cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense<sup>1</sup>.

Estava para viver uma experiência que mudaria minha vida pessoal e profissional. Aprofundi minha compreensão acerca do sofrimento humano fui desafiada a colocar em prática, dessa vez como professora, não apenas os ensinamentos aprendidos no curso de formação, era preciso associá-los aos valores aprendidos na infância e, por coerência e insistência me transformei em uma educadora social, sem saber que tinha esse nome ou mesmo se existia no Brasil ou fora dele, uma teoria que pudesse embasar minha prática. Percebi a necessidade de fazer uma educação que respeitasse a dignidade humana, que ultrapassasse os limites do instituído e ampliasse minha compreensão acerca de ser e estar educadora.

A realidade encontrada era tão dura que de cinco professoras aprovadas apenas eu permaneci, pois encontrei sentido no que fazia. Foi quando tomei conhecimento do Programa de Ampliação da Educação Pré- Escolar (PAEPE). Tratava-se do atendimento a cento e vinte crianças de quatro a seis anos de idade, oito mães por dia, sem sala de aula, as aulas aconteciam ao ar livre, embaixo de uma árvore. Por se tratar de área de segurança nacional, pois estávamos nos arredores da Refinaria de Duque de Caxias (REDUC), em plena ditadura militar e com o AI5 em pleno vigor, o trabalho com as mães caracterizou uma ação comunitária e, me rendeu um tentativa de prisão. Foi luta, muita luta. Ali, em meio à pobreza extrema fui desafiada a aceitar o sofrimento humano como fonte da minha indignação e um convite para ultrapassar os meus limites e ampliar o meu fazer pedagógico. Aprendi que existiam pessoas vivendo de forma indigna, sem família, sem moradia em bairros sem saneamento básico, embora se tratar da maior arrecadação do estado. Para educar seria necessário desenvolver uma atitude política capaz de perceber a existência de um fazer social na educação. Ao me aproximar das crianças e suas famílias, aceitar a realidade em que se encontravam me indignei e, com a indignação consegui forças para realizar uma análise da conjuntura em que se encontravam e, passar para uma ação coletiva.

Era uma sexta-feira quando vi Sérgio, um aluno com sérias sequelas de meningite, doença que até hoje insiste em abater crianças naquele município, comer e repetir nove vezes. Suado, com o abdome estufado e quase desmaiando em cima do prato. Ao me aproximar perguntei:

\_ Por que você come e repete tantas vezes?

Ao que ele me respondeu quase sem forças:

\_ Depois de hoje, só vou comer segunda- feira.

A resposta de Sérgio a minha pergunta funcionou como uma bomba, fazendo com que eu ficasse sem dormir por todo o final de semana. Embora tenha ficado sem dormir, inconformada com a situação, passei a sonhar. A sonhar com uma educação que ensinasse a todos e a cada um, que emancipasse as pessoas, que superasse seus próprios limites. Junto a eles, por eles e por mim, abracei aquele trabalho alfabetizando adultos, incluindo excluídos, empregando desempregados. Aprendi a pedir, a promover bazares, a distribuir cestas básicas, implantar círculos de leituras, de contação de histórias, de trabalhos manuais de troca de receitas, a valorizar pessoas, a tocar almas, a transformar vidas e a ensinar os que não aprendiam. Com as crianças e suas famílias amparadas, foi possível ensinar os que não aprendiam e contribuir para o reconhecimento, por parte de muitos, do real valor daquele grupo de pessoas visibilizadas.

Enquanto era apontada, por muitos como louca, outros duvidavam da minha formação, pois uma professora formada não se adaptaria a uma situação tão precária como aquela. Marcada pelo estigma do preconceito carreguei o peso da indiferença por muitos anos e por me fazer um com eles, não me importava. Aprendi a “tirar do nada o infinito” (frase de Márcia aluna da quarta série do CIEP<sup>2</sup> Lírio do Laguna). Aprendi a trabalhar com sucatas, a exercitar em forma de rodízio a parte pedagógica e a “treinar” as mães para o trabalho com as crianças. O aprendizado no curso de formação de professores auxiliou muito, mas a realidade do chão da escola fez de mim uma educadora social e pesquisadora capaz de aprender com os próprios alunos a como ensiná-los. Hoje é possível afirmar que, o segredo de ensinar a cada aluno está dentro de cada um deles. Não existem compêndios pedagógicos capazes de nos ensinar a ensinar a todos, o segredo está dentro de cada um de nós. Esse fato demanda a existência de um educador social reflexivo, capaz de olhar para a realidade em que se encontra e com ela aprender, pois a prática é pedagógica.

---

<sup>1</sup> Darcy Ribeiro era antropólogo e dedicou um período de sua vida à pesquisa etnográfica sobre os índios brasileiros. Posteriormente, começou a se envolver com a educação primária. Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro aproximaram-se no final dos anos 50, quando este último foi convidado para dirigir o Programa de Pesquisas Educacionais, do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, participando, ao lado de Anísio das lutas no CBPE, na defesa da escola pública e do trabalho de criação da Universidade de Brasília. Durante os governos militares, Darcy Ribeiro foi exilado, só retornando ao Brasil em 1979. Em 1980, passou a fazer parte do Partido Democrático Trabalhista (PDT), que tinha, como principal líder, Leonel Brizola. Em 1982, foi eleito vice-governador do Rio de Janeiro ao lado de Brizola, eleito para governador. No cargo de Secretário de Estado de Cultura, Darcy criou os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs). Em 1991, Darcy Ribeiro foi eleito Senador da República (1991-1997). Na década de 90, atuou ativamente na vida política, dedicando-se à defesa das escolas públicas de tempo integral – os CIEPs – e à criação da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Destaca-se, ainda, a sua participação na elaboração do projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovado pelo Congresso Nacional.

Atualmente Sérgio é médico bem sucedido. Contribui, com o seu trabalho, para a melhoria da vida de outros “Sérgios”, criados pelo descaso governamental das últimas décadas, são crianças que, como ele no passado, ainda lutam contra a situação de abandono em que se encontram. Hoje sei que a vulnerabilidade não é apenas social, mas histórica, política, pedagógica e relacional. Ela faz parte, principalmente, da falta de compromisso dos políticos para com o povo e advém ganancia de muitos. Romper com as barreiras da história em que nos encontramos não é fácil, porém é possível. Não é tarefa solitária, é solidária, sempre escrita no plural e marcada pela singularidade de todos.

No decorrer dos anos vi muitas crianças e suas famílias mudarem de vida, não apenas pelos conteúdos pedagógicos transmitidos pela escola, mas também, pela compreensão por parte dos professores, da existência de uma face social na pedagogia. A possibilidade de, ao ensinar, considerar o aspecto social do educando é revolucionária. É antes de tudo compreender a educação como direito das crianças, dos jovens e dos adultos. Aprendi com elas que a vulnerabilidade é uma situação passageira que pode e deve ser superadas a partir do apoio de grupos, pessoas ou instituições. Compreendo-a como a condição de risco, um conjunto de situações que colocam a pessoa em uma condição que a impossibilita de, responder com seus próprios recursos, a determinada demanda.

Com o passar do tempo, ganhamos um galpão projetado para atender ao projeto e a faixa etária em que as crianças estavam, o primeiro da América Latina. Já não precisávamos de encerados para as crianças sentarem e muito menos das caixas de papelão para o desenvolvimento das atividades. Crescemos nos organizamos... Estava na hora de ir. Foi difícil, porém necessário. Precisava dar continuidade aos estudos e eles sobreviveriam, como sobreviveram sem a minha presença. É para isso que educamos, para a liberdade e para a superação, a partir da autonomia dos seres envolvidos com a revolução que vivenciamos.

Como gosto de desafios fui trabalhar, por dez anos, como diretora de um CIEP, com base no vivido, administrei apoiada pela comunidade e assumi o primeiro Centro Cultural dos CIEPS, composto por dois prédios, atendendo cerca de duas mil pessoas entre crianças, adolescentes e jovens, da classe de alfabetização ao ensino médio, em horário integral e também a EJA. Éramos apaixonados pela escola. Com carta branca para implantar metodologias que dialogassem com o projeto original, aprendi, ensinei e alfabetizei adultos. Ampliei minhas ações, construí formas próprias de educar e aprofundei minha compreensão acerca do considerar o fazer social da educação.

## A PEDAGOGIA SOCIAL NA UNIVERSIDADE

Atitude correta de quem se encontra em permanente disponibilidade. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em relação com o contrário de mim. (Freire, 1996, p.152)

Ao chegar à universidade como aluna depois nela permanecer como professora, não poderia ser diferente. Abracei como tema de pesquisa a formação de professores de crianças em situação de vulnerabilidade. Era a consequência de uma vida, dos valores aprendidos desde a infância e reforçados ao longo dos anos. Não consegui ver sentido em realizar algo diferente. Nunca tive dúvidas sobre o que fazer, sentia-me atraída para trabalhar com esse grupo e tema, fazia parte de mim e se constituía em pleno exercício de coerência.

Ao sair do doutorado (UNICAMP 2004), fundei o Grupo PIPAS (Grupo de trabalho, estudos e pesquisas em formação inicial e permanente de professores de crianças em situação de vulnerabilidade social). Aos poucos, estudando, trabalhando e pesquisando, compreendi que a pedagogia social era tarefa para muitos, não apenas para professores, era tarefas para educadores. Ampliando essa percepção também ampliei minhas ações, fui trabalhar no Abrigo Dolores e Memei, em Duque de Caxias no projeto: “Fazendo minha história<sup>3</sup>”. Foi quando travei contato com as crianças em situação de abrigo, trabalhei com elas e com seus professores, parte da história se repetiu: trabalho coletivo, análise conjuntural e reestruturação do espaço-tempos vivido pelas crianças. Levamos outros professores universitários para ajudar, elaboramos planejamentos, instituímos grupos de estudos, aprendemos, ensinamos, crescemos.

Nesse período conheci três educadores sociais que nos auxiliaram no fortalecimento de nossas ações: o Assistente Social Edvaldo Roberto que já desenvolvia um trabalho pela CAPEMISA Social, no abrigo anteriormente mencionado. Ele falava sobre um diálogo possível daquele espaço com a universidade, reforçando uma constatação realizada anteriormente por José Lúcio, um educador social oriundo do movimento negro e aluno da Pós Graduação que, já havia apontado na mesma direção: “A universidade precisa se responsabilizar por essas pessoas.” Mais do que um tema, tratava-se da vida de muitas pessoas, da formação de professores empenhados em ensinar cada vez mais e melhor; tratava-se da minha própria vida. Havia sentido em fazer tudo aquilo! Foi quando travamos contato com o Professor Roberto Silva, sua história e obra. Fortalecemos nossas ações, ampliamos nossos fazeres, construímos laços de responsabilidades entre a universidade e a pedagogia social.

---

3 ONG para o desenvolvimento de crianças e adolescentes acolhidos em abrigos.

Nosso primeiro projeto vinculado a Pró Reitoria de Extensão –PROEX– chama-se: DIÁLOGO FREIRIANO: A formação inicial e permanente de professores de crianças em situação de vulnerabilidade social. Ainda hoje trabalhamos com esse projeto e nosso principal objetivo é propiciar aos professores condições de aprender com os alunos a ensiná-los a partir da metodologia da pesquisa participante em diálogo com o método de Paulo freire de análise da realidade: ARARA, onde a ação- reflexão- ação oriente o trabalho.

A cada dia toma conta dos noticiários casos de violência sofrida por alunos e professores, seja verbal ou física. A naturalização da violência toma conta das redes sociais, é curtida, comentada, banalizada. Tudo é motivo para hostilidades. Hoje são meninas que brigam por causa de namorados, perfume ou beleza. O pacto educacional foi quebrado e a violência da sociedade se faz presente dentro das escolas. O trabalho por nós desenvolvidos auxiliou na retomada do diálogo, fortaleceu vínculos e estimulou a implantação de novos valores e hábitos de convivência saudáveis. Formar educadores sociais pressupõe o exercício da autonomia e faz com que, após o término do curso, continuem a olhar para a realidade de forma reflexiva e, coletivamente encontrem alternativas de superação.

Importa ressaltar que após o doutorado, já de volta à universidade, olhava ao redor e não enxergava, entre os meus pares, possibilidade de diálogo. Foi quando ouvi da Professora Alice Yamasaky, chefe departamental à época:

\_ Você precisa ampliar suas ações, seu tema é importante!

Comecei trabalhando apenas com bolsistas, foi quando cunhamos o termo PIPAS, inspirado não apenas no título do grupo, no brinqueado de grande parte das crianças por nós acompanhadas, mas também nas obras de Cândido Portinari, em especial: “Meninos soltando pipa”, companheiras do nosso trabalho, auxiliando o enxergar, com arte, a aridez da realidade pesquisada.

Além de um brinqueado, e considero o brincar infantil algo muito sério, a pipa representa a liberdade, a ousadia e o revelar de inúmeros conteúdos dominados pelas crianças e, em muitos casos, ainda desconhecidos pela escola. É um símbolo revelador de um fazer que exige os pés no chão e os olhos no céu, que tem a cabeça erguida e o corpo reto, e é de pé que lutamos, não é? Certa vez li uma entrevista do Bob Marley, ao se referir à luta existente em seu país, onde declarou: “O meu povo não é fraco, o problema é que ele luta de joelhos”. Assim como a pipa ganha força ao enfrentar o vento, o ser humano cresce ao enfrentar a adversidade. Reforçada por essa reflexão vislumbro na simbologia da pipa, a possibilidade de sonhar que deve habitar todas as crianças, embora encontre nas escolas muitos jovens sem nenhuma perspectiva de futuro, fato que muito me assusta, trata-se de um sonho respaldado na complexidade existente na concretude do real, pois para soltar uma pipa exige o domínio da terra, da água e do ar. Enfim, encanta a vida, restaura sentidos, amplia fazeres e deveres.

Enquanto isso, na universidade, criamos o Curso de Extensão em Pedagogia Social, com uma resposta bastante positiva da sociedade. Um projeto piloto foi iniciado no Instituto de Educação Ismael Coutinho – IEPIC – com o respaldo da Professora Fátima Alzira, integrante do corpo de docente. Lá trabalhamos com professores do ensino médio, através de oficinas detectando os pontos mais difíceis encontrados na realização sua profissão. De posse dos relatos, listamos os temas e elaboramos um plano de trabalho que envolveu desde o autoconhecimento do professor, tarefa para a vida inteira, até comunicação com os jovens, saúde mental, currículo, ações dialógicas e interativas com os jovens e suas famílias, futuro profissional, enfim inúmeras temáticas oriundas do fazer cotidiano dos professores que, os desafiavam a todo o momento, fazendo com que muitos tivessem vontade de desistir, pois não davam, conta de ensinar. Após um ano de trabalho o grupo estava fortalecido as rugas de expressão advindas do questionamento de seus trabalhos deram lugar ao sorriso e expressões mais suaves, pois acreditavam que ainda havia muito a fazer por ali. Perceberam, principalmente, não se tratar de questão pessoal, mas do resultado do extremo abandono ao qual educação a esteve exposta nas últimas décadas, fazendo com que o saber-fazer dos professores, não dialogasse com os alunos.

Hoje já passaram pelo projeto PIPAS cerca de cem bolsistas, com as mais diversas fontes de financiamento (CAPES, PROEX, PROAS, PIBID, BID, etc.). Trata-se de uma oportunidade única de trabalhar por dentro do curso de Pedagogia o refinamento do olhar dos futuros educadores para a existência do fazer social na educação. Nosso principal desafio é desmistificar no fazer pedagógico a visão de que a criança pobre não aprende; é a divulgação de práticas pedagógicas de sucesso e, principalmente, o estabelecimento de compromisso com o ensinar cada vez mais e melhor as crianças que insistem em permanecer na escola. Um fenômeno nos acompanha ao longo desse período e creio ser importante trazê-lo. Trata-se de cursistas que, apesar de ficarem sem suas bolsas, não abandonam o trabalho, continuam junto a nós, nas escolas, nos cursos, no grupo de estudos e pesquisa. Permanecem conosco por compreenderem a importância do mesmo para a sua formação, pelos vínculos estabelecidos e pelo compromisso assumido. É justamente, nesse fazer mais específico com as bolsistas, a quem carinhosamente chamo de “fadas”, que encontro um vigor diferenciado para buscar e aprimorar, cada vez mais, o meu fazer formador de educadores sociais.

Hoje através do curso de extensão em pedagogia social já formamos mais de dois mil educadores. Dialogamos com cerca de vinte municípios que, enviam seus professores, para atuar como multiplicadores ou não. Estão sempre em contato conosco, dialogam sempre que precisam. Nossa turma de 2014, tem 325 cursistas participando com empenho, trocando experiências dialogando com a teoria de forma competente e séria. A atual turma, por conta do número de participantes, conta com a modalidade semipresencial, pois os alunos postam suas tarefas que são analisadas pelos professores. Constantemente nos deparamos com relatos de situações pedagógicas que foram significativamente alteradas a partir das reflexões advindas do curso, fato que muito nos alegra, pois o retorno nos faz conferir a consecução dos nossos objetivos.

Nos últimos cinco anos desenvolvemos, junto ao Judiciário de Niterói, um projeto denominado “Escola de Família”. Através dele travo contato com outra ponta da formação, a formação dos primeiros educadores sociais, as famílias. Já em situação limite elas necessitam também de diálogo, de força e de esperança, pois a vida para muitos se mostra praticamente impossível. Junto a elas e com elas aprendi que a partir de um breve processo de apoio, muito podem sair da situação em que se encontram e que a escola, assim como o Judiciário, através das escolas de família pode ajudar muito aos que precisam. Tal qual aprendi com a minha história, no início da minha carreira profissional e me permitiu afirmar sobre a existência de um fazer social na educação. Aos educadores sociais solicito envolvimento e responsabilidade. Responsabilizem-se por seus alunos, acolham suas famílias cuidem das relações em que se encontram inserido.

Ao olhar para minha história é possível afirmar que a pedagogia social sempre esteve presente. É questão de concepção e formação. Começando pela formação familiar passando pelo aprendizado oriundo da profissão, até a chegada à universidade. Por coerência, insistência e inconformismos fiz da indignação metodologia de trabalho e aprendi a aprender com a prática, a me deixar formar por meus alunos e suas famílias a continuar firme no desejo de auxiliar na formação de educadores sociais capazes de ensinar cada vez mais e melhor aos que necessitam.

A pedagogia social é fonte de inspiradora de resistência, a qual teimosamente insisto exercitar. Ela traz, a cada dia, um novo sentido para continuar a ser e estar pesquisadora, educadora, professora que, de forma humanizada luta contra as desigualdades sociais a partir da trincheira revolucionária chamada educação.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Tradução José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. **Formação Humana e capacitação.** Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Roberto da, Souza Neto, João Clemente de, Moura, Rogério Adolfo de.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Vozes, 2010.

MARTINS, Margareth. **VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS QUE NOS AFETAM: um diálogo** Com crianças que insistem em estudar. (Tese),Campinas, 2005.

